

DOSSIÊ

Andrés Antúnez* & Florinda Martins**

Contribuições de Michel Henry para a Psicologia

Este dossiê organiza-se em torno de artigos apresentados ao **I Congresso Internacional Pessoa e Comunidade: Fenomenologia, Psicologia e Teologia**, cuja abordagem é feita a partir da Fenomenologia da Vida em Michel Henry.

Os textos trazem, cada um deles, contributos diferentes da Fenomenologia da Vida, quer para as práticas clínicas, quer para a prática interdisciplinar. Todavia, qualquer que seja o foco da abordagem, todos eles se reportam às experiências originárias das nossas vidas e do nosso viver, com a conseqüente necessidade de se repensar a pessoa a partir da vida afetiva enquanto modalidade originária da subjetividade, com suas conseqüentes implicações nas práticas clínicas.

Deste modo, os textos aqui apresentados deslocam a questão da unidade formal da pessoa como eu – que, em linguagem kantiana, "acompanha todas as representações" –, para a unidade concreta da vida subjetiva, na qual o mundo é primordialmente vivido como sentimento de uma afecção de fascínio ou de temor, tranquilidade ou angústia. A vida subjetiva é, então, o transcendental concreto destas nossas investigações, quer elas se processem no âmbito das práticas clínicas, quer no âmbito da estrita fenomenalidade dos processos da vida.

Mostramos, assim, que a Fenomenologia da Vida de Michel Henry tem potencial para ir além das propostas das ciências cognitivas e das filosofias da mente – elas mesmas a braços com a problemática da inerência da subjetividade à constituição da ciência. Estas, embora apelando à noção de pessoa (3ª; 2ª e 1ª pessoas) para a compreensão quer do mundo quer da vida intersubjetiva, o fazem ainda em um horizonte formal ao qual escapa a transcendental concretude da vida. O mundo é sempre mundo da vida, pelo que a sua compreensão começa pela primordialidade da sua doação afetiva que, ela sim, nos permite perspectivar e dar sentido ao próprio mundo. Uma exigência que se estende à vida intersubjetiva – que, na sua primordial afecção, se dá aquém de qualquer recuo ou tomada de posição de um eu em relação a outro ou, como é hábito dizer-se, em relação a um tu. A passagem de uma fenomenalidade do enredo das

representações para o enredo dos afetos abre caminhos novos a uma cultura de relação entre as várias abordagens de nós mesmos, bem como daquilo que nos rodeia. O mundo da vida é um mundo primordialmente vivido em sentimentos de prazer, de angústia, de espanto, de dúvida, de desejo, de entrega, e nem o inconsciente ou a vida amencial escapam a esta inteligibilidade originária do sentimento de uma afecção de vida.

Como temos vindo a dizer, o inconsciente é primordialmente conhecido como sentimento de mal-estar, desprazer, violência, angústia, temor, desespero. A atenção ao tecido de afetos desses sentimentos é a atenção a uma fenomenalidade que se dá aquém das intencionalidades e das representações. A vida afetiva – *Pathos* – está no centro das nossas investigações. É na vida afetiva que o real – os outros e o mundo – vivem, adoecem, renascem, sonham outros mundos e vidas.

Tendo em conta este horizonte de tematização dos nossos estudos, Andrés Antúnez mostra que a violência da vida está na incapacidade de acolhimento do imprevisível, no decurso do nosso existir. Daí a importância de se ir refundando a situação clínica na vida afetiva de cada paciente, como mostra Gilberto Safra. Uma refundação que passa pela redefinição do conceito de inconsciente e de práticas clínicas, como propõe Karin Wondracek e seu grupo de investigação. A realidade não tem outro lugar de acolhimento que não seja a vida subjetiva, como propõe Roland Vaschalde. No entanto, para a compreensão deste acolhimento do real, é indispensável desenvolver o conceito de corpopropriação; conceito trazido a este debate por Maristela Ferreira. Todas estas propostas se alicerçam na fenomenalidade da pessoa cuja história se identifica com o historial da vida em si mesma. Pelo que Florinda Martins inscreve a noção de pessoa no processo do seu advir na e da vida, mostrando a novidade dessa abordagem, quer em relação às ciências cognitivas (também elas a braços com a noção de pessoa), quer em relação à tradição fenomenológica. Em interdisciplinaridade, os princípios formais da fenomenologia fecundam-se da seiva dos fenômenos da clínica, e esta os alicerça na fenomenalidade transcendental da nossa condição.

*Doutor em Saúde Mental; Professor Livre-Docente; Departamento de Psicologia Clínica; Instituto de Psicologia Universidade de São Paulo. E-mail: antunez@usp.br

**Professora Emérita; Doutora em Filosofia; Universidade Católica Portuguesa. E-mail: martins.florinda@gmail.com